

Casa Grande & Senzala e Raízes do Brasil no Modernismo brasileiro: relações com o campo literário e a formação da identidade nacional

**Victor
José Alves
Fernandes**

Graduando em
Ciências Sociais pela
UFMG.

Palavras chave:
Identidade Cultural
do Brasileiro;
Modernismo
Literário no Brasil.

Key words:
Brazilian Cultural
Identity; Literary
Modernism in Brazil.

RESUMO: A questão da identidade cultural do brasileiro vem sendo trabalhada desde meados do século XIX, quando as Ciências Sociais no Brasil ainda começavam a se estabelecer. Este trabalho tem como objetivo ressaltar a importância do movimento Modernista nacional – em especial sua manifestação no campo literário – como fator determinante para mudança da concepção do brasileiro acerca de si mesmo, na medida em que rompe com paradigmas culturais eurocêntricos, tendo como sustentáculo da argumentação as obras *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

ABSTRACT: *The issue about the Brazilian cultural identity has been developed since the nineteenth century, when the Social Sciences in Brazil were still in the beginnings of their establishment. This paper has as its goal to stress the importance of the national Modernist movement — especially its manifestation in the literary field - as a determining factor in Brazilians conception change about themselves, as the movement breaks with Eurocentric cultural paradigms, having as support the argumentation the works of Gilberto Freyre's Casa Grande & Senzala and Sérgio Buarque de Holanda's Raízes do Brasil.*

"Somos diferentes. Diversíssimas até. Mais muito mais diferentes do pessoal das casas vizinhas. [...] Não temos paes espirituaes(sic)".

Trecho do Manifesto do Grupo Verde de Cataguases, 1927.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de trazer à tona o importante papel do movimento Modernista no Brasil levando em conta seu caráter revolucionário nos campos intelectual e artístico, marcando o rompimento com velhos padrões eurocêntricos de pensamento e interpretação das coisas características do nacional. Seguindo esse esforço, o presente ensaio pretende ilustrar, com base principalmente em *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, como o movimento moderno brasileiro configurou-se de diversas maneiras: para Sergio Buarque, talvez de forma mais abrangente, num processo de "abrasileiramento" do próprio povo como uma totalidade, enquanto para Gilberto Freyre num processo também de alcance nacional, mas que antes passa pelo âmbito regional, o qual teria importância ímpar.

De qualquer forma, o Modernismo como um todo foi um fenômeno intrigante, que ganha outra desenvoltura quando é lembrado não somente pelos brilhantes artistas do campo das artes plásticas e da literatura, mas também de outras áreas do meio cultural e intelectual,

como a Antropologia, a Sociologia, a História entre outras. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque marcaram época tanto pela maneira arrojada de escrever quanto pelas idéias escandalosas e polêmicas à época do lançamento de seus primeiros livros; idéias acima de tudo geniais que ainda refletem não só em produções do meio acadêmico, mas que de alguma forma penetraram nas concepções de senso-comum acerca do brasileiro e suas características, como o brasileiro vê a si mesmo e, por conseguinte, como este avalia quais são suas perspectivas e seu futuro enquanto nação.

O movimento Modernista e alguns de seus representantes na literatura

Antes de definir ou caracterizar o Modernismo desta ou daquela maneira, é possível fazer suposições sobre o que esse movimento significou no meio intelectual e artístico do Brasil somente pela expressão que o identifica. O moderno é antes de tudo o que não é velho, e assim sendo, o movimento veio em primeiro lugar substituir o ultrapassado e antiquado pelo atual e promissor. De fato, foi o que os modernistas eventualmente fizeram, sob duras críticas que com o passar do tempo foram dando lugar a frequentes e significativos elogios.

É difícil, porém, estabelecer quando exatamente começou a surgir no Brasil essa iniciativa de renovação espiritual. Com certeza o fato histórico mais notável foi a Semana de Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo. Levando

isso em consideração, pode-se dizer que o movimento teve seu auge na década de 1920, mas não raramente refere-se ao Modernismo como indo de 1922 a 1945, e até mesmo de 1922 aos dias atuais (IGLÉSIAS, 2007). Parece, entretanto, aceitável a idéia de que tal revolução no campo das artes e intelectualidade brasileira teve seu início quando alguns pensadores passaram a reconhecer a necessidade de uma mudança na maneira de ver e reproduzir a cultura nacional.

"Tanto que seus estudiosos apresentam antecedentes, alguns até discutíveis, como 1902, data de Canaã, de Graça Aranha, e Os Sertões, de Euclides da Cunha. Também é pouco razoável lembrar o discurso de posse de João do Rio na Academia de Letras, em 1909, quando fala na necessidade de renovação, por vago demais. Já digno de referência é o ano de 1912, com a chegada de Oswald de Andrade, com a novidade do futurismo. [...] Em 1919 é a vinda de Brecheret, com a experiência de inovações européias. Oswald em 21 anuncia o grupo modernista, em artigo que provoca sensação: 'O meu poeta futurista', sobre Mário e 'Paulicéia desvairada', com citação de versos que causam espanto." (IGLÉSIAS, 2007, p. 14).

Os modernistas, em suma, tinham um objetivo principal e maior em comum, independente de época ou região, que era o de dar cabo num Brasil velho, ou melhor, livrá-lo das importações que sentido nenhum faziam; não se adaptavam à realidade do país. Queriam eles dar novo ânimo a uma cultura aparentemente fadada ao fracasso, à melancolia, à frustração de não passar de uma cópia mal feita de uma parte da Europa. Assim foi em fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, em 1925 com o lançamento d'A Revista, em Belo Horizonte de Carlos Drummond de Andrade, Martins de Almeida, Pedro Nava e tantos outros, em 1927 com a primeira publicação da Revista Verde em Cataguases e assim por diante, até meados da década de 1930, quando da publicação de *Casa Grande & Senzala e Raízes do Brasil*. Isso sem levar em conta o trabalho das artes plásticas e da música, esta com Villa-Lobos principalmente, aquela com Di Cavalcanti, Anita Malfatti e tantos outros não menos dignos de nota. Vale ressaltar, dentre essas várias manifestações, a do grupo Verde de Cataguases, que com nomes como Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Francisco Peixoto entre outros foi símbolo da despolarização do modernismo dos centros culturais da época - principalmente São Paulo, mas também Belo Horizonte e Rio de Janeiro - e o sucesso da difusão das novas idéias para o interior do país.

No que diz respeito às implicações do movimento, chama a atenção Francisco Iglésias para o fato de o Modernismo ter sido muito mais construtor que destruidor; foi fator decisivo à agressiva rejeição de toda aquela antiga ordem, mas foi primordialmente um conjunto de ações no sentido de "limpar terreno para nascer o autêntico e o novo". (IGLÉSIAS, 2007, p. 16). Vale

lembrar que, apesar de todo o repúdio pelo que vinha sendo produzido de material intelectual até então, muito daquilo mesmo sendo frequentemente algum tipo de reprodução de modelos europeus já desgastados, buscava dar moldes ao ser brasileiro, recém "formado" com a independência em 1822, e que rompera os laços formais com Portugal somente em 1889, com a proclamação da República e o fim de um império tupiniquim de governador lusitano. Partindo desse ponto, o movimento Modernista configura um tipo de ação que guarda semelhanças àquela anterior a ele, porém com novo fôlego e com olhar direcionado para o próprio interior do país, não para fora. O modernismo inovou ao deixar claro que era impossível "criar" um brasileiro a partir de teorias e paradigmas elaborados segundo a realidade européia e também em certa medida norte-americana, como tentavam com tanto esforço fazer no país, ora inferiorizando o nacional como algo sem esperança e fadado ao fracasso, ora exaltando o nacional à exaustão como se fosse algo que simplesmente não o é - ao exemplo da superestimação do papel do índio na formação nacional, principalmente nas artes.

O Modernismo é como sugere Oswald de Andrade em seu manifesto Antropofágico, um movimento que engloba diferentes especificidades

de diferentes localidades, digerindo-as e transformando-as de acordo com o ambiente brasileiro. Iglésias ainda cita em seu texto “Modernismo: uma reavaliação da inteligência nacional” uma tentativa de conceitualização do movimento elaborada por Mário de Andrade, que resume brilhantemente toda aquela efervescência que mudou e influenciou profundamente o Brasil no plano artístico e intelectual, com desdobramentos que afetaram a vida política e social do país:

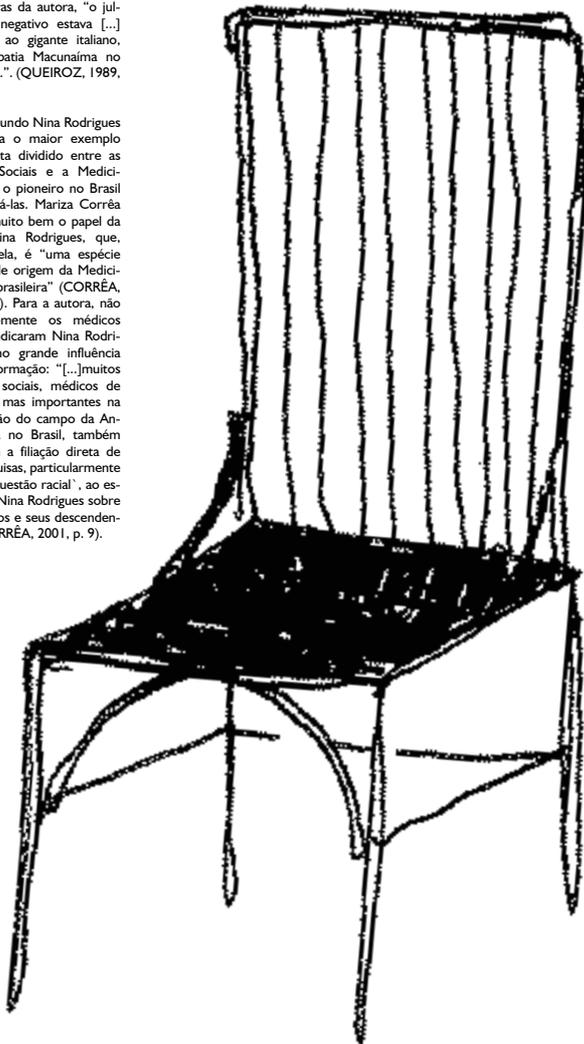
“Parecem-nos corretas as posições que assume, exceto o acento que confere ao elemento destruidor, embora, como escreveu,

“esta destruição não apenas continha todos os germes da atualidade, como era uma convulsão profundíssima da realidade brasileira”.

Assinale-se a síntese, que é essencial:

¹ Maria Isaura Pereira de Queiroz ressalta Macunaíma como sendo definido por características longe de serem depreciativas ou heróicas; seria, na verdade, uma expressão mais fidedigna, ou uma “constatação”, do que existia. No que diz respeito ao “(mau)caráter” brasileiro, ao contrário do que comumente se observava em obras do fim do séc. XIX, nas palavras da autora, “o julgamento negativo estava [...] associado ao gigante italiano, que combatia Macunaíma no romance...”. (QUEIROZ, 1989, p. 43).

² Raimundo Nina Rodrigues talvez seja o maior exemplo de cientista dividido entre as Ciências Sociais e a Medicina, senão o pioneiro no Brasil em mesclá-las. Mariza Corrêa destaca muito bem o papel da Escola Nina Rodrigues, que, segundo ela, é “uma espécie de mito de origem da Medicina Legal brasileira” (CORRÊA, p. 9 2001). Para a autora, não foram somente os médicos que reivindicaram Nina Rodrigues como grande influência em sua formação: “[...]muitos cientistas sociais, médicos de formação mas importantes na constituição do campo da Antropologia no Brasil, também afirmaram a filiação direta de suas pesquisas, particularmente sobre a ‘questão racial’, ao estudos de Nina Rodrigues sobre os africanos e seus descendentes”. (CORRÊA, 2001, p. 9).



“o que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs é a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência crítica nacional”

Em passagens anteriores:

“manifestado essencialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional”.

Mais adiante:

“foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a inteligência nacional”.

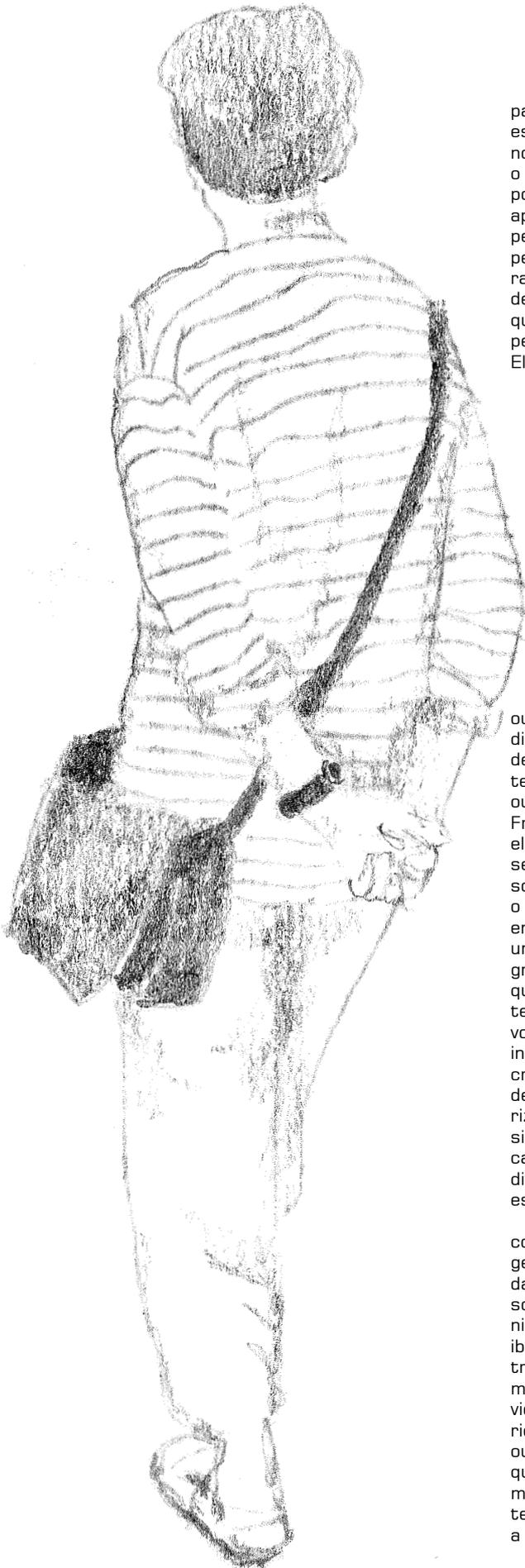
[...] Não exagera o significado do que houve:

“o movimento de inteligência que representamos, na sua fase verdadeiramente modernista, não foi o fator das mudanças político-sociais posteriores a ele no Brasil. Foi essencialmente um preparador; o criador de um estado de espírito revolucionário e de um sentimento de arrebatamento”. (IGLÉSIAS, 2007, p. 17).

Chegando a esse ponto, após esboçar de forma um tanto sucinta uma idéia do que o movimento Modernista representou para o Brasil do início do século XX, sendo possível talvez até mesmo considerar de alguma forma seus desdobramentos nos dias de hoje, torna-se interessante tratar do que foi produzido de maior repercussão, à época da efervescência do Moderno, por Gilberto Freyre - *Casa Grande & Senzala*, de 1933.

Gilberto Freyre, Casa Grande & Senzala e os “Ases de Cataguases”

Dadas as linhas gerais da definição do movimento modernista, cabe neste momento inserir Gilberto Freyre e sua obra nesse contexto. Gilberto foi, sem dúvida, não só um dos mais importantes escritores brasileiros, mas também determinante na mudança de pensamento do brasileiro sobre si mesmo. Como Mário de Andrade em *Macunaíma*¹, Freyre rompeu com a maneira de encarar o brasileiro típico como um ser inferior, incapacitado, até mesmo feio e obstáculo quase que intransponível para o futuro próspero da nação; como na idéia dos primeiros “antropólogos” do Brasil, cujo maior representante talvez seja o baiano Nina Rodrigues². É interessante pensar que, no momento em que Freyre escreveu *Casa Grande & Senzala*, o país



passava por um processo intenso de mudanças estruturais e políticas, formando um quadro no qual a necessidade de se definir quem era o povo brasileiro era muito grande, até mesmo por questões pragmáticas - como elaboração e aplicação de políticas públicas. Assim, inspirado pelo trabalho de Franz Boas, o cientista social pernambucano elaborou um trabalho que supera a lógica da ciência racista, que então gozava de significativo prestígio no Brasil, abordando a questão da miscigenação baseado em uma perspectiva totalmente diferente. Nas palavras de Elide R. Bastos,

"Para a maioria dos autores, este [o povo brasileiro], resultante da mestiçagem, define-se pela tristeza, preguiça, luxúria, herança das "raças inferiores". A tese freiriana desenha-se com precisão: os traços de fraqueza física, a debilidade, a aparente preguiça têm origem social e cultural e não racial; explicam-se pela subnutrição e pela doença. Enfrenta, assim, diretamente as posições do racismo científico, explicação que fundamenta muitas daquelas reflexões". (BASTOS, 2004, p. 222).

O brasileiro é, de fato, diferente de todos os outros povos; obviamente não deve por causa disso ser considerado sujeito desqualificado ou defasado biologicamente e/ou espiritualmente em relação a europeus, norte-americanos ou outro povo qualquer. É na obra de Gilberto Freyre que o mestiço muda de forma: se antes ele era um tipo de doença nacional que deveria ser erradicada através de um suposto processo de branqueamento populacional, agora ele é o resultado de uma mistura altamente benéfica entre portugueses - que por si só já constituem uma magnífica miscigenação entre mouros, negros africanos e povos do norte da Europa, o que lhes dá uma série de vantagens biológicas, tecnológicas e sócio-culturais frente outros povos na colonização de territórios tropicais -, indígenas e negros trazidos da África como escravos (FREYRE, 2005). Ressalta-se o melhor desses diferentes tipos de gente para caracterizar o brasileiro. Diferentes culturas que, em simbiose, formaram um novo povo altamente capacitado às condições de vida locais, como dificilmente se vê em outras partes do mundo, especialmente nas regiões tropicais.

O índio, a princípio visto (erroneamente) como preguiçoso e molengo, após uma análise geral do modo de vida indígena do Brasil à época da colonização, torna-se sujeito cheio de recursos a serem utilizados pelos portugueses colonizadores, sem os quais o estabelecimento dos ibéricos em terras americanas tornar-se-ia extremamente difícil, se não impossível. Isso sem mencionar a importância da mulher nativa na vida e povoamento colonial, entre mais uma série de fatores, como a culinária e uma porção de outras especificidades culturais dos silvícolas que, ao serem apropriadas pelos portugueses, mostraram-se fundamentais à adaptação destes às condições naturais brasileiras. Some-se a isso o papel do indígena no fortalecimento da

Igreja em terras ultramarinas. O negro, por sua vez, sem valor nenhum senão aquele atribuído à sua força de trabalho, passa a ser o principal modelador da cultura colonial, pois, para Freyre (2005), estando o escravo em constante contato com seus senhores, ele foi decisivo na geração de um modo de vida, de uma nova cultura altamente adaptada à exigência dos trópicos, para dizer o de menos. É dado ao africano, na visão de Freyre, aliás, papel de “colonizador”, “dando ênfase ao papel civilizador por ele representado”. (BASTOS, 2004, p. 229). Eventualmente, o negro entrou também em contato com o indígena, dando origem a novas configurações sócio-culturais. Em suma, o mestiço não é nada menos que o brasileiro por excelência, herdeiro de qualidades ímpares, de fato únicas, e personagem principal de uma nação riquíssima culturalmente; não mais a peste que impede o desenvolvimento nacional.

Percebe-se, portanto, que Gilberto Freyre, principalmente em seu clássico *Casa Grande & Senzala*, mas não só, pode ser claramente identificado como um típico intelectual moderno, também fazendo uso de linguagem um tanto literária, quando a proposta é de uma obra científica, o que rompeu com toda uma erudição exacerbada da língua portuguesa de então, prestigiada pela elite intelectual brasileira. Gilberto, assim como o modernismo como um todo, “rompe com um estado de coisas. As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades” (CANDIDO, 2006, p. 121). Antonio Candido confirma o caráter moderno do pernambucano, afirmando que

“A obra de Gilberto Freyre assinala a expressão, neste terreno (do ensaio histórico-sociológico), das mesmas tendências do Modernismo, a que deu por assim dizer coroamento sistemático, ao estudar com livre fantasia o papel do negro, do índio e do colonizador na formação de uma sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária. Outras obras completam a sua, válida sobretudo para o Nordeste canavieiro, como a síntese psicológica de Sérgio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil) e a interpretação materialista de Caio Prado Júnior (Formação do Brasil Contemporâneo, História econômica do Brasil)”. (CANDIDO, 2006, p. 124)

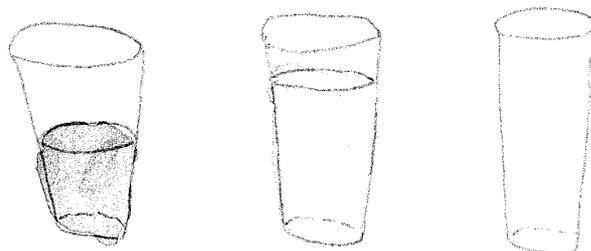
É interessante notar que, apesar de até certo ponto compartilhar em muito com os modernistas paulistas da semana de 1922, além dos mineiros e cariocas, Gilberto manifestou um tipo diferenciado de modernismo: um que rejeitava a influência estrangeira já prestigiada. E então Freyre veio a lançar em 1926 o *Manifesto Regionalista*, um manifesto “regionalista, tradicionalista e a seu modo modernista” (OLIVEN, 2002, p.26). Ruben George Oliven ressalta a respeito da motivação para a elaboração de tal manifesto:

“A necessidade de se reorganizar o Brasil — primeiro tema central do manifesto e preocupação constante dos pensadores do fim do século XIX e começo do século XX — decorreria do fato de ele sofrer, desde que é nação, as consequências maléficas de modelos estrangeiros que lhe são impostos sem levar em consideração suas peculiaridades e sua diversidade física e social”. (OLIVEN, 2002, p.26)

E ainda o mesmo autor, na mesma página:

“Ao enfatizar a necessidade de uma articulação inter-regional, Freyre toca num ponto importante e atual, ou seja, como permitir que as diferenças regionais convivam no seio da unidade nacional em um país de dimensões continentais como o Brasil. O que Freyre afirma é que o único modo de ser nacional no Brasil é ser, primeiro, regional. Guardadas as devidas proporções, é justamente a uma conclusão semelhante que chegaram os modernistas a partir da segunda fase do movimento quando se deram conta de que a única maneira de ser universal é ser, antes de tudo, nacional”. (OLIVEN, 2002, p. 26).

Partindo desse ponto, em que as manifestações culturais regionais são enfocadas, é curioso lembrar que o movimento Verde de Cataguases, que surgiu em 1927 na pequena cidade da Zona da Mata mineira, apesar de alinhar-se aos paulistas e belo-horizontinos, guarda significativas semelhanças à linha de pensamento freyriana no sentido de valorizar o nacional através do reconhecimento das especificidades regionais. No caso dos mineiros da Zona da Mata, nota-se vez e outra em textos de autoria deles um orgulho de escrever sobre Cataguases e Minas Gerais, chegando então ao que diz respeito ao orgulho do brasileiro como uma totalidade. Talvez fosse possível imaginar o Movimento Verde como uma manifestação cultural e intelectual de “meio-termo” entre a proposta de Gilberto Freyre; da valorização do nacional passando pelo regional, e a obra dos modernistas de Belo Horizonte, São Paulo e Rio De Janeiro, que apesar do profundo conhecimento da diversidade do Brasil, pelo menos em um primeiro momento, como já mencionado, concentravam seus esforços na tentativa de valorizar o brasileiro como algo mais abrangente, não tão regional quanto nacional.



O poema “Senzala”, de Henrique de Resende, dedicado a Mário de Andrade, ilustra o espírito modernista de repúdio à antiga ordem estagnada e rançosa do fim do século XIX e início do século XX:

“Senzala

*Senzala da fazenda dos meus avós...
Vão-se desmoronando pouco a pouco
as tuas paredes de pau-a-pique e os teus
telhados seculares.*

*Mas ainda és, no teu desmoronamento,
a lembrança angustiada das atrocidades
dos meus avós.*

*Senzala da fazenda...
As tuas ruínas ainda estão impregnadas
do sangue machucado
dos negros que gemeram por causa dos
trancos,
sob o chicote ameaçador dos homens
brancos — fatores da fazenda.*

Mas tudo isso ha de desaparecer um dia.

*As tuas paredes de pau-a-pique e teus telhados seculares,
- ruínas ainda impregnadas do sangue e do suor dos escravos —
lembram os gemidos que se perderam pelos teus cubículos de tabique;
e as lágrimas que rolaram pelo teu chão de terra socada;
e o relho de treis dos algozes fatores da fazenda;
e os gritos lancinantes que vararam o horror das tuas trevas;
e a mancha apagada que ficou na braúna dos teus trancos.*

*Mas — bendito seja Deus! — as tuas ruínas desaparecerão um dia
na bruma longíqua da história dos tempos.*

*E então se apagará também, esse dia, na minha memória
A lembrança angustiada das atrocidades dos meus avós...”
(RESENDE, 1927, p. 20).*

É Rosário Fusco, também um dos “ases de Cataguases”, em uma seção da Revista Verde dedicada à música e ao cinema, comenta de maneira curiosa o filme “Thesouro Perdido”, de Humberto Mauro, com especial atenção à naturalidade do cineasta e de sua obra:

“O sr. Humberto com esse film cataguazense-brasileiro-mineiro retratou quasi fielmente as coisas de nossa terra. Já é actuar pela brasilidade! (coisa raríssima entre os brasileiros!) Aquella scena do sapo e das garruchinhas, por exemplo, tá bôa pra burro! Aquele negro tá gozadíssimo! E outras coisas mais que só a gente assistindo a fita mesmo.

É a primeira fita nacional! Fita genuinamente cataguazense-brasileira-mineira. O sr. Humberto Mauro tá de parabens!(sic)”.(FUSCO, 1927, p. 31).

Têm-se seus pontos em comum no que tange à exaltação do regional e na negação do que é anterior a eles, em termos de produção intelectual, literária e artística, Gilberto Freyre e os Verdes de Cataguases também compartilham a “honra” de terem produzido algo de magnífico, que causou grande alvoroço e abalou em certa medida a ordem então estabelecida do plano artístico e intelectual brasileiro.

Sérgio Buarque de Holanda e as Raízes do Brasil

Estabelecer uma relação entre a visão moderna de Gilberto Freyre e de Sérgio Buarque de Holanda parece ser algo um tanto interessante, principalmente pelos seguintes motivos: como mencionado anteriormente, o livro que “se tornou um clássico de nascença” (CANDIDO, 1981, p. xiv), *Raízes do Brasil*, cuja primeira edição foi lançada três anos após o lançamento de *Casa Grande & Senzala*, pode ser considerado como um tipo de continuação da obra clássica de Freyre (CANDIDO, 2006). Levemos em conta, além disso, que Sérgio Buarque participou da semana de 1922 em São Paulo. Tendo estabelecido laços de amizade com Mário e Oswald de Andrade, Sérgio mudou-se para o Rio de Janeiro pouco tempo depois da Semana de Arte Moderna e assumiu o papel de dirigir a versão carioca da revista Klaxon, da capital paulista, caracterizando portanto uma tendência moderna na produção do escritor que, como visto, é muito parecida com a linha de pensamento de Freyre, com a ressalva da defesa do regionalismo deste último.

De qualquer forma, vale a pena ressaltar alguns aspectos modernistas em especial em *Raízes* de Sérgio Buarque de Holanda. Em primeiro lugar, *Raízes do Brasil*, logo nas páginas iniciais, trata de desassociar uma suposta preguiça inerente ao brasileiro à sua natureza, ou talvez ao seu passado manchado pela mestiçagem entre brancos, índios e negros; estes dois últimos evidentemente atrasados e danosos à constituição de uma nação íntegra e bem desenvolvida, como diriam alguns homens da ciência de meados do século XIX. Sérgio Buarque, em uma análise das origens portuguesas e levando em consideração seu caráter aventureiro, afirma que se há algum tipo de tendência do brasileiro a atividades que não sejam a do trabalho contínuo, cujos resultados não são imediatos, ela deve-se majoritariamente à sua herança européia: o português, segundo o autor, a grosso modo nunca teve sua vida regulada pelo trabalho, mas antes de tudo pela aventura (BUARQUE DE HOLANDA, 1981). Definitivamente, o que aconteceu no Brasil: o trabalho era deixado para o escravo negro, uma vez que o indígena mostrou-se pouco adaptado ao tipo de trabalho exigido, enquanto o colonizador envolvia-se numa atividade inovadora caracteristicamente aventureira nos trópicos;

mandava, explorava e lucrava. Assim, Sérgio Buarque de Holanda traz expressiva contribuição a uma linha teórica que joga por terra aquele pensamento que atribuía exclusivamente aos colonizados os infortúnios da nação, enquanto fazia do homem branco a solução para os problemas do país, já que o autor acaba por estabelecer uma associação entre o europeu e a formação de um *ethos* brasileiro não muito admirado. O sociólogo cita como ilustração de seu argumento, em *Raízes do Brasil*, a seguinte passagem:

"No mesmo ano de 1535, em que Duarte Coelho desembarcava em sua donatária pernambucana, o humanista Clenardo, escrevendo de Lisboa a seu amigo Latônio, dava notícia das miseráveis condições em que jaziam no país as lides do campo: 'Se em algum lugar a agricultura foi tida em desprezo — dizia — é incontestavelmente em Portugal. E antes de mais nada, ficai sabendo que o que faz o nervo principal de uma nação é aqui de uma debilidade extrema; para mais, se há um povo dado à preguiça sem ser o português, então não sei onde ele exista'." (BUARQUE DE HOLANDA, 1981, p. 19).

Além disso, Sérgio Buarque de Holanda rompe com a linha de pensamento ainda privilegiada, em certa medida, conhecida como "passadista", ao caracterizar o brasileiro de acordo com seu conceito de "cordialidade". Dessa forma, Buarque de Holanda deixa de lado aquelas noções esteticamente admiráveis, mas um tanto fora da realidade, dos escritores românticos, parnasianos, e assim por diante. O homem cordial do autor representa aquele sujeito que é avesso às relações impessoais, típicas, por exemplo, do Estado; representa o sujeito que, sempre quando possível, recorre a relações pessoais e afetivas. Vale lembrar que a idéia de homem cordial nada tem a ver com bondade ou algo do tipo, mas simplesmente aponta para o fato de que há um predomínio de comportamentos aparentemente afetivos nas relações sociais do brasileiro — apesar de seus comportamentos não serem necessariamente sinceros. Segundo Antonio Candido,

"o homem cordial é visceralmente inadequado às relações impessoais que decorrem da posição e da função do indivíduo, e não da sua marca pessoal e familiar, das afinidades nascidas na intimidade de grupos primários" (CANDIDO, 1981, p. xviii). E Sérgio Buarque deixa claro:

"Já disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o 'homem cordial'. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar 'boas maneiras', civilidade." (BUARQUE DE HOLANDA, 1981, p. 107).

O autor ainda ressalta a característica da emotividade do "homem cordial" de modo muito fácil de entender por qualquer brasileiro, já tão acostumado a ver tal tipo de comportamento rotineiramente, especialmente nos dias de hoje em que o contato entre pessoas de diferentes países é facilitado e tornou-se significativamente maior:

"O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. É tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante de Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo." (BUARQUE DE HOLANDA, 1981, p. 109).



É criada, portanto, uma imagem muito mais fiel àquela que os próprios brasileiros têm de si mesmos e absolutamente mais condizente com a realidade por meio de elaboradas metáforas e de em um misto de idéias anteriormente trabalhadas por Gilberto Freyre e outras tantas então inéditas do próprio Sérgio Buarque de Holanda, ao invés de antigas fórmulas européias nas quais se buscavam identificar aspectos que poderiam ser aplicados aos brasileiros.

De qualquer forma, é importante ressaltar a proximidade de Sérgio Buarque dos escritores e artistas modernistas paulistas, pois a intimidade do autor com os modernos de São Paulo indica a que Buarque de Holanda se propunha ao escrever. Tomemos como exemplo sua amizade com Mário de Andrade, com quem trocou correspondências nas quais revela sentimentos e pensamentos profundos sobre a situação da intelectualidade nacional e os rumos que tomava o movimento modernista. Cartas estas que indicam, no mínimo, uma afinidade de idéias entre os dois, ou considerando de forma menos precisa e um pouco mais arriscada, uma afinidade de idéias entre Sérgio Buarque e a concepção de Modernismo de então, que dado certo ponto acabava por diferenciar-se significativamente daquela concebida e manifestada por Freyre em seu Manifesto Regionalista.

Conclusão

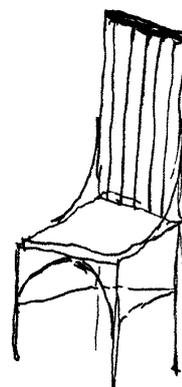
Observa-se e é interessante chamar atenção para o fato de que o movimento Modernista no Brasil ganhou dimensões muito maiores do que somente aquelas usualmente mencionadas do campo artístico e literário; o modernismo teve também ricas manifestações no campo das ciências, rendendo bons frutos principalmente nas áreas da História, Sociologia e Antropologia, i.e., as Ciências Sociais em geral. O movimento moderno ainda viria a refletir uma série de mudanças sócio-políticas no país, a começar talvez pelo movimento tenentista - mas não se restringindo a este - e de fato repercutindo na vida cultural nacional como um todo nos dias de hoje.

Além disso, o Modernismo deveria ser compreendido como um movimento bastante heterogêneo, haja vista os diferentes pontos de vista aqui apontados, de Gilberto Freyre, um modernista "regionalista", e Sérgio Buarque de Holanda, um cientista social que teve suas contribuições na literatura, inclusive aquela tipicamente moderna da semana de 1922. Ainda há exemplos de manifestações como a do grupo Verde, em que se defende o "abrasileiramento" da literatura e artes em geral de forma que há a exaltação do orgulho de ser cataguazense, mineiro, regional em primeiro lugar, e brasileiro em seguida, ou até de forma simultânea, sem necessariamente estabelecer-se uma ordem de importância. De certa forma, há a expressão de um regionalismo no sentido de que Gilberto Freyre chamou atenção, conciliado com o nacionalismo já conhecido do movimento Modernista, mais especificamente aquele original das capitais de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

O fato é que o movimento Modernista representou uma revolução completa no campo das artes e intelectualidade no Brasil, essencial para uma melhor compreensão e provavelmente para o processo de definição do que é o ser brasileiro, se é possível ou não falar em uma unidade nacional; falar em "cultura do brasileiro" e da sua consistência, e de como o país pode se apresentar frente a outras nações, de um ponto de vista ao mesmo tempo incorporador do que vem de fora e valorizador do que é transformado e produzido dentro das fronteiras nacionais.

Submetido em Novembro de 2011

Aceito em Janeiro de 2013





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Elide Rugai. (2004). Casa Grande & Senzala. In L. D. Mota (Org.). Introdução ao Brasil: um banquete no trópico v.1, 4ª edição, São Paulo, SENAC.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. (1981). Raízes do Brasil. 14ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio.
- CANDIDO, Antonio. (1981). O significado de Raízes do Brasil. In S. B. De Holanda, Raízes do Brasil, 14ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio.
- CANDIDO, Antonio. (2006). Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul.
- CORRÊA, Mariza. (2001). As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil, 2ª ed.rev., Bragança Paulista, Editora da Universidade São Francisco.
- FREYRE, Gilberto. (2006). Casa Grande & Senzala. 51ª edição, São Paulo, Global.
- FUSCO, Rosário. (1927). Notas de arte (sic) – música e cinema. In Verde: Revista mensal de arte e cultura, ano 1, nº 1, Cataguases, Typ. A Brasileira, Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/06001410>>. Acessado em: 01/11 de 2011.
- IGLÉSIAS, Francisco. (2007). Modernismo: uma reavaliação da inteligência nacional. In A. Ávila(org.), O Modernismo, São Paulo, Perspectiva.
- Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. Disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/06001470#page/1/mode/1up>>. Acessado em 01/11 de 2011.
- OLIVEN, Ruben George. (2002). Cultura brasileira e identidade nacional. In S. Miceli (org.), O que ler na ciência social brasileira v. IV, São Paulo, Sucafe.
- RESENDE, Henrique de. (1927). Senzala. In Verde: revista mensal de arte e cultura, ano 1, nº 4, Cataguases, Typ. A Brasileira, disponível em <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/06001440>> Acessado em: 01/11 de 2011.

